

Virtudes Militares
O Património imaterial das Forças Armadas

António Silva Ribeiro
Contra-almirante

Vivemos uma época na qual, fruto da complexidade das campanhas militares de contra-subversão no Iraque e no Afeganistão, bem como das acções de combate à pirataria no Corno de África, se dá enorme importância à estratégia, aos armamentos e ao treino das Forças Armadas, e não se presta a necessária atenção aos valores morais, que mobilizam e mantêm empenhados e coesos os seus efectivos. Porém, nenhum militar serve bem a sua Pátria, se os seus pensamentos não forem robustecidos e as suas acções não forem realizadas com base nos valores morais, que designo por virtudes militares.

Convicto deste facto, aproveito o honroso convite da Comissão organizadora do I Congresso Nacional de Segurança e Defesa, para partilhar com V. Ex.^{as} a minha visão sobre algumas das principais virtudes militares, que traduzem o património imaterial das Forças Armadas.

A escolha de uma profissão é uma encruzilhada, diante da qual todo o ser humano se encontra em determinado momento da sua vida. Actualmente, há um leque muito variado de opções, proporcionadas pelo desenvolvimento técnico, industrial e organizacional. Por isso, as mentes dos jovens agitam-se quando, ainda muito cedo, necessitam de tomar uma

opção de carreira. Neste exercício, têm peso determinante os valores materiais e morais a ela ligados, e que cada indivíduo considera de forma distinta.

Não vou deter-me em considerações sobre os valores materiais intrínsecos às necessidades legítimas daqueles que, nas Forças Armadas, servem Portugal. Apenas refiro que, tais exigências, devem ser satisfeitas pelo soldo, que não se destina a permitir a melhor fortuna, mas deve ser suficiente para proporcionar aos militares uma vida digna e frugal.

Quanto aos valores morais ou virtudes militares, realço que são indispensáveis para cumprir as exigentes tarefas da carreira nas Forças Armadas. Por isso, tais virtudes devem ser enriquecidas por um processo educacional contínuo, onde, em cada degrau, todos os militares terão sempre muito que aprender e algo a ensinar, para aprimorarem as qualidades pessoais e melhorarem o desempenho no serviço. Com efeito, um cidadão ingressa nas Forças Armadas vindo dos mais variados ambientes sociais, com diferentes padrões morais de referência. Por isso, sabendo-se que a instituição militar se fundamenta na solidez moral dos seus efectivos, é de capital importância que, mesmo após um cuidado recrutamento, se ensinem e cultivem permanentemente as virtudes militares que tornarão os membros das Forças Armadas mais dignos da instituição que servem e,

acima de tudo, da Pátria a quem hipotecaram a sua solidariedade irrestrita, no momento em que juraram defendê-la com o sacrifício da própria vida.

É este dever sagrado que torna a carreira nas Forças Armadas a mais brilhante, a mais sublime e a mais honrosa, precisamente porque, por ser sustentado pelas virtudes militares, prossegue para além do limite onde termina o das demais classes profissionais. E é exactamente por isso, que os militares possuem toda a legitimidade para afirmar com orgulho que apenas servem a sua Pátria!

As virtudes militares que dão corpo ao património imaterial das Forças Armadas, são muito diversificadas. No entanto, há três conjuntos de virtudes militares que aprendi a valorizar com superioridade: a abnegação, o espírito de sacrifício e a firmeza de carácter; a atitude positiva, o amor às Forças Armadas e a devoção ao trabalho; a obediência, a honra e a lealdade.

Vejamos, pois, o significado de cada uma destas virtudes militares e a sua relevância para a carreira nas Forças Armadas. Começemos pela abnegação, pelo espírito de sacrifício e pelo carácter firme.

A abnegação, por um lado, implica disponibilidade para realizar trabalho impessoal, focalizado nos interesses nacionais e regulado por princípios morais, cujo resultado apenas proporciona a satisfação do dever cumprido. Por outro lado, a abnegação é traduzida pela solidariedade ilimitada que o militar manifesta à sua Pátria, e que nenhuma lei consegue impor. Ora, isso

só é possível a quem, perante as maiores adversidades e perigos, manifesta um total altruísmo no cumprimento das suas tarefas, e revela um sentido de dever inigualável, que se sobrepõe ao de qualquer outra classe profissional.

O espírito de sacrifício é traduzido pela: probidade na satisfação das suas necessidades materiais à custa de um salário reduzido face ao esforço que desenvolve; adopção de uma vida frugal e de total dedicação à instituição militar e à Pátria, quantas vezes renunciando aos desejos pessoais e às solicitações familiares; manutenção de um respeito firme pelos regulamentos e um cumprimento escrupuloso das ordens e das instruções, mesmo quando daí decorrem prejuízos pessoais; lealdade inabalável ao juramento prestado, de defender a Pátria até ao limite das suas capacidades. A firmeza de carácter é revelada, sobretudo, perante as adversidades e os perigos, quando o militar é correcto nas atitudes, ponderado na força das acções e determinado na sua vontade. A correcção das atitudes está ligada à generosidade dos sentimentos, ao sentido de justiça na sanção das faltas, à integridade moral, à prudência, à austeridade de conduta e à magnanimidade. A ponderação na força das acções está associada à energia equilibrada que o militar aplica na imposição da sua autoridade nos momentos difíceis, revelando autoconfiança e tenacidade. A determinação da vontade é revelada pela constância no cumprimento do dever, pela coragem moral, pela perseverança e pelo repúdio ao mal e à desonestidade.

A abnegação, o espírito de sacrifício e o carácter firme não resultam da condição social do cidadão que ingressa nas Forças Armadas, da força das leis, dos regulamentos, das ordens e das instruções militares que balizam os seus comportamentos, nem dos postos a que é promovido ao longo da carreira. São virtudes militares incorporadas de forma deliberada na personalidade de cada indivíduo e construídas, permanentemente e com esforço ao longo da carreira nas Forças Armadas, pela educação e pelo hábito. Por isso, os militares com mais experiência e responsabilidade, quando se situam no presente e se relacionam com os mais jovens, devem: incentivar a disponibilidade, a solidariedade e o altruísmo no serviço à Pátria; evidenciar a importância da probidade, da vida frugal, da dedicação, do respeito e da lealdade no desempenho das suas obrigações; realçar a importância da correcção das atitudes, da ponderação da força e da determinação da vontade, aspectos que, ao proclamarem a conduta adequada e irrepreensível, são os pilares da disciplina militar.

Passemos agora à análise do significado e da relevância da atitude positiva, do amor às Forças Armadas e da devoção ao trabalho.

O militar deve adoptar, permanentemente e ao longo da sua carreira, uma atitude positiva. Para isso, deve ser sincero, verdadeiro e justo. Também é preciso que motive os seus subordinados no cumprimento das respectivas tarefas, e que contraponha às dúvidas e ao desalento, os referenciais de

certeza e de força que orientam e incentivam o pessoal. Estes referenciais estão intimamente ligados à capacidade do militar para buscar a excelência nos seus trabalhos, para melhorar a sua formação, para superar a regularidade, para colaborar com o grupo onde está inserido e para estimular pelo exemplo.

O amor às Forças Armadas representa o afecto a tudo o que a elas dizem respeito e requer que cada militar mantenha, permanentemente, um olhar atento sobre o que se passa no mundo, e a inteligência focalizada em Portugal. O olhar cuidadoso no mundo é necessário para perceber as grandes linhas de evolução da conjuntura externa. A inteligência direccionada para o País é indispensável para nele aplicar o produto do seu trabalho. Assim, o militar conseguirá alargar a sua acção a todos os domínios das Forças Armadas, assegurando a sua utilidade para o País e garantindo o devido reconhecimento pelos cidadãos e pelos responsáveis políticos. O amor às Forças Armadas é essencial a todo o militar, no cumprimento das suas tarefas ao serviço de Portugal. Este sentimento nobre e puro de dedicação, fidelidade, sacrifício e respeito à instituição militar, desponta na grande maioria dos militares, antes de serem incorporados nas Forças Armadas. Porventura, nessa fase, ainda é mal percebido e toma a forma de simpatia para com as pessoas, as coisas ou os assuntos militares. Por isso, é designado por vocação para a carreira militar. Todavia, quando esse

cidadão é inserido no seio da grande família que são as Forças Armadas, educado nas virtudes militares e sujeito ao espírito de fraternidade aglutinante que a todos envolve, sente que a sua vocação para a carreira militar é robustecida e se desenvolve a par da maturidade, pela incorporação do afecto, da integridade, da rectidão, da dignidade e do zelo, que estruturam a condição de sentimento intenso de amor às Forças Armadas.

A devoção ao trabalho não é uma atitude exclusiva ou um privilégio dos militares. Também não é uma especificidade do tipo de actividade que os militares desenvolvem em benefício da sociedade que servem com orgulho e dedicação. Porém, é na carreira militar que a devoção ao trabalho mais releva, porque os deveres que os militares assumem de forma voluntária e patriótica, quando juram, pela sua honra, servir a Pátria em todas as circunstâncias e sem limitações, ultrapassam largamente o simples cumprimento dos requisitos ligados às profissões civis. Com efeito, a devoção ao trabalho traduz a seriedade, a honestidade, o altruísmo e a permanente disponibilidade para realizar novas tarefas. Expressa-se no seu fiel cumprimento, segundo as orientações recebidas dos superiores hierárquicos e na observância das leis, dos regulamentos, das ordens e das instruções militares. A devoção ao trabalho também é traduzida na alegria, no optimismo e na afabilidade do trato pessoal, ligados às condutas nobres, que irradiam tolerância relativamente aos que revelam maiores dificuldades

na realização das suas tarefas, e às situações difíceis do serviço, quando os obstáculos se interpõem no caminho para o objectivo. Para além disso, a devoção ao trabalho é evidente na simpatia e na brandura. A simpatia fomenta o espírito de colaboração e a valorização de pares e subordinados. A brandura alastra o campo daqueles que compreendem as insuficiências, os erros e as decisões dos outros. Num e noutro caso conferem beleza e graça ao cumprimento do dever.

A atitude positiva, o amor às Forças Armadas e a devoção ao trabalho são virtudes militares indispensáveis para enaltecer o orgulho na condição militar, elemento determinante do equilíbrio moral, sem o qual o dever militar não tem significado. Também são virtudes militares essenciais para anularem o desalento, a antipatia, o rancor e a inveja, que constituem os terrenos férteis das circunstâncias duvidosas, das transgressões e da indisciplina. Porém, são verdadeiramente decisivas para a construção de um futuro onde impere o entusiasmo positivo e vivo, bem como a harmonia construtiva e idealista em todos os escalões hierárquicos das Forças Armadas.

Vejamos, por fim, o significado e a relevância da obediência, da honra e da lealdade.

A obediência só é possível a quem dispõe de uma vontade inquebrantável e, por isso, consegue aceitar de forma voluntária ou convencional a autoridade dos seus superiores hierárquicos legítimos, adoptando uma atitude de

permanente disciplina e subordinação, que viabiliza o cumprimento completo e frontal das ordens e das instruções relacionadas com o serviço. Por meio da disciplina e da subordinação, o exercício do comando é dotado de um poder, competência ou jurisdição, que o torna respeitável e leva os subordinados a cumprir as determinações do serviço. Nestas circunstâncias, nas Forças Armadas, a obediência não é uma consequência da coacção moral decorrente do temor de um castigo, mas da consciência dos deveres militares de disciplina e de subordinação relativamente a uma autoridade superior legítima, em situações na órbita das suas atribuições, desde que das ordens e instruções emitidas não resultem infracções às leis e aos regulamentos estabelecidos.

A vontade para obedecer é essencial à vida militar, porque as leis, os regulamentos, as ordens e as instruções, por mais restritivos que sejam, por si só pouco permitem, quando se requer que os militares desempenhem as suas funções em circunstâncias diversas, imprevistas, desconhecidas e exigentes, muitas vezes em estados de grande tensão e cansaço, e sujeitos a correr riscos sérios de vida para cumprirem as determinações do serviço. Na realidade, a vontade dos militares para obedecer no cumprimento dos seus deveres tem de ser inquebrantável, porque só dessa forma, na paz ou na guerra, consistentemente e em todas as circunstâncias, cada um realizará ou cessará qualquer serviço para o qual tiver sido competentemente nomeado

ou intimado através das ordens e instruções legítimas dos seus superiores hierárquicos.

Porém, a obediência não está condicionada pelo livre arbítrio daquele que comanda. Depende dos limites da lei e dos regulamentos militares, e decorre da disciplina e da subordinação entre os vários escalões, onde o comandante de cada nível emite as suas ordens e instruções no contexto de determinações superiores legítimas. A obediência também não deve ser confundida com a passividade amorfa, que se traduz na submissão plena às ordens e instruções recebidas, postas em prática sem raciocínio ou discussão. A obediência está ligada à dignidade e ao respeito do subordinado, bem como à sua iniciativa para contribuir de forma leal e pronta para a tomada de decisões e para a realização de acções determinadas pelo superior hierárquico no âmbito do serviço. Desta forma, nada tem de vergonhoso ou aviltante. É natural e evita a anarquia e a rebelião, dois males que, quando ocorrem, anulam a disciplina e a subordinação, os pilares básicos da instituição militar.

A honra representa a firme consciência do cumprimento do dever em todas as acções decorrentes da carreira nas Forças Armadas. Concretiza-se na conduta irrepreensível e no zelo extremo, dentro dos rígidos padrões morais que o serviço prestado à Pátria impõe. Exige a superação das adversidades e a suplantação dos desejos vulgares.

A superação de adversidades relaciona-se com o vencimento da infelicidade ligada aos acontecimentos penosos e associada à falta de sorte. Nestas circunstâncias, a honra requer de todo o militar a permanente manutenção de uma atitude digna, em conformidade com as suas razões, a justiça e a lei. Também implica o respeito por si próprio nos actos e nos modos, revelando rectidão em relação às situações e às pessoas.

A suplantação dos desejos vulgares relaciona-se com a capacidade do militar para eliminar, dominar, ou relegar para plano secundário as pretensões triviais. Tais atitudes requerem que o militar disponha de um carácter, sustentado moral e intelectualmente na nobreza da alma, que confere rigor aos princípios, clareza ao pensamento e coerência aos actos.

As influências hereditárias têm grande peso na forma como cada militar vivencia a sua honra. Porém, a educação que todo o cidadão recebe nas Forças Armadas, associada à experiência da vida e ao esforço individual para se valorizar, também são muito relevantes para anular as violações maiores da honra militar, isto é: a covardia perante o perigo; a simulação da doença para fugir ao serviço; a rendição antes de esgotados os meios para combater; as violações dos segredos militares; o abandono de material militar; a conivência na fuga de presos; o contrabando, o roubo e o furto; e a traição à confiança dos camaradas de armas.

Ser leal é praticar a verdade, adoptando uma conduta vertical e honrada, mantendo a palavra dada, trabalhando com sinceridade, franqueza e honestidade, e demonstrando pelos outros o apreço e a estima que robustecem os laços da amizade fraterna, essencial aos camaradas de armas. Ser leal também é acreditar que: os superiores decidem com acerto nas ordens que emitem; os pares apoiam o esforço colectivo, cumprindo zelosamente o encargo que lhes cabe; os subordinados realizam correctamente as tarefas de que foram incumbidos.

Nestas circunstâncias, em âmbito militar a lealdade não se pode confundir com o servilismo daqueles que anseiam pela obtenção de favores. Para além disso, também não é sinónimo de cumplicidade nos desvios aos comportamentos justos e correctos. Por estar estruturada sobre a lisura dos procedimentos e a crença nas decisões, apoios e acções de camaradas de armas, a lealdade é a base da solidariedade orgânica nas Forças Armadas, essencial para que possam actuar como um corpo coeso.

Tornar leais os homens e as mulheres que, nas Forças Armadas, servem Portugal, é uma tarefa aliciante, mas complexa e demorada, porque implica identificar e moldar as suas formas de agir e a sua disponibilidade para obedecer. É certo que ambos possuem alguns componentes inatos. Porém, também incorporam na sua estrutura outros elementos que são adquiridos por influência do ambiente, da experiência, do esforço e da educação de

cada militar. Ora, é neste contexto que a conduta militar deve ser um exemplo de lealdade, para que sirva de referência a todos aqueles com quem se priva. Para além disso, uma conduta leal também permitirá ganhar o respeito e a compreensão daqueles poucos que, por se desviarem dos comportamentos correctos, serão alvo da aplicação das sanções estabelecidas no exercício de funções de comando, direcção ou chefia.

A obediência, a honra e a lealdade não são exigências exclusivas da carreira nas Forças Armadas, nem privilégios dos militares. São virtudes essenciais ao exercício de qualquer profissão e ao bom funcionamento de todas as organizações públicas ou privadas. Porém, é nas Forças Armadas que se exprime plenamente o seu significado, devido ao facto de, em última instância, estarem associadas ao cumprimento do dever perante o perigo. É um facto que a obediência, a honra e a lealdade são virtudes nobres e profundas, inseparáveis e determinantes de uma conduta militar digna. Porém, também requerem do Estado e dos cidadãos, o respeito e a gratidão por aqueles que servem Portugal nas Forças Armadas.

Excelentíssima audiência, a mensagem inerente à apresentação desta comunicação sobre algumas das virtudes militares que consubstanciam o património imaterial das Forças Armadas, é muito simples e resume-se a poucas palavras: Os militares precisam de se aprimorar permanentemente no campo moral, de forma a que os seus corações se fortaleçam e o seu

carácter se purifique e enriqueça, porque são os depositários fiéis e honrados da defesa da nossa Pátria, perante as circunstâncias sempre complexas e difíceis das disputas estratégicas internacionais.

Para isso, é indispensável que cada militar mantenha sempre acesa e viva, na sua carreira, a chama das virtudes militares, porque só pela sua prática, com um esmerado carinho, serão um exemplo para as futuras gerações de militares e engrandecerão as Forças Armadas aos olhos dos Portugueses e ao serviço de Portugal.

Tenho dito.